

A Literatura e a filosofia de Simone de Beauvoir

Márcia Regina Viana
Filósofa
marciafilo@yahoo.com.br

Resumo: A importância de Simone de Beauvoir reside no fato de ela ser uma filósofa-escritora, isto é, possui a singular característica de introduzir e discutir conceitos filosóficos em suas narrativas literárias. Servindo-se de personagens fictícios, Beauvoir demonstra seus conceitos, transformando a narrativa em discurso filosófico. Na fórmula textual a filósofa cria as características ônticas próprias para discutir ontologicamente o conceito.

Palavras-chave: literatura, filosofia, existência, romance, metafísica, sujeito, objeto.

INTRODUÇÃO

Desde o início do trabalho com Simone de Beauvoir, foi curioso o fato de observarmos que, quase todo comentário encontrado a seu respeito fazia referência à escritora, à feminista, à intelectual, à amante de J.P. Sartre, mas muito raramente à *filósofa* Simone de Beauvoir. Entre aqueles que se dedicam ao estudo da filosofia, percebe-se que, quando Simone de Beauvoir é considerada com seriedade como filósofa, a atenção crítica é voltada somente para duas de suas idéias, em meio ao conjunto de seus escritos. São elas: primeiramente, o seu pioneiro estudo sobre gênero em *O Segundo Sexo*, que tem um grande valor por iniciar uma discussão de cunho filosófico nesta questão, e em segundo lugar, a aplicação da ontologia existencialista em suas novelas e biografias. Aliás, vale lembrar que o existencialismo beauvoireano é a princípio, considerado influência ou mesmo extensão do existencialismo de Sartre. Mas, num estudo mais cuidadoso verificaremos que se trata de uma conclusão apressada.

O objetivo deste trabalho consiste em demonstrar que a importância de Simone de Beauvoir reside justamente no fato de ela ser uma filósofa-escritora e que possui a singular característica de introduzir e discutir conceitos filosóficos em suas narrativas literárias. Simone de Beauvoir cria histórias em seus romances e serve-se das personagens dessas histórias para representar conceitos, transformando a narrativa em discurso filosófico. Acreditamos se tratar de tarefa árdua, quase impossível, separar a narrativa da filosofia, a tal ponto que é necessário possuir alguma iniciação filosófica para alcançar a plena compreensão de seus romances, pois Simone de Beauvoir não escreve sem a intenção de induzir suas personagens a questionamentos filosóficos que busquem legitimar sua condição de sujeito livre. Como exemplo claro desta característica assinala-se seu romance intitulado *A Convidada*, em que a questão da liberdade do sujeito é colocada como foco central das discussões. É um trecho em que a personagem Françoise angustia-se quando se percebe ameaçada ou invadida por outra presença:

“Em frente de Françoise e, apesar disso, sem a sua participação, despontava algo que constituía uma condenação sem recurso; levanta-se uma consciência estranha, livre, absoluta, irreduzível. Era como a morte: uma negação total, uma ausência eterna e, no entanto, por uma contradição perturbadora, esse abismo do nada

podia tornar-se presente a si próprio e começar a existir, por si, em toda a plenitude. O universo inteiro era absorvido por ele.”

Nessa passagem, Françoise depara-se com outra consciência que se ergue frente a ela, afirmando-se como presença e pondo à prova a liberdade de, ela mesma, constituir-se também como consciência livre.

No contexto da obra de Simone de Beauvoir, a liberdade do sujeito é a única possibilidade de existência autêntica, porque só a um sujeito livre é possível a transcendência em projetos. E por não ser a liberdade questão simples de tratar, o relato literário se fundamenta na problematização filosófica e na criação ficcional da narrativa literária, para expor o drama existencial que é a responsabilidade do sujeito em constituir-se livre.

Em sua incursão literária, Simone de Beauvoir elabora não somente uma narrativa objetiva que reflita a vida, como também compõe personagens cujas existências estão engajadas em situações realizáveis em que a consciência deste sujeito ficcional pode relacionar-se com o sujeito real que está lendo esta novela, de forma que pode acontecer um reconhecimento dessas situações justamente por se tratarem de situações possíveis de acontecer na vida de qualquer sujeito. Beauvoir empresta à narrativa o caráter de problematização existencial, pois sintetiza situações que reproduzem a imagem da existência real. Através da narração do cotidiano, a escritora elabora uma situação em que um conceito filosófico experimentado por uma ou mais personagens é apresentado e, a partir disso, estas personagens iniciam a discussão e fundamentação do conceito apresentado.

Na medida em que a autora consegue instituir uma relação de complementação entre a criação da situação existencial que acomoda um conceito filosófico a ser discutido, Simone de Beauvoir alterna seus papéis de escritora com o de filósofa da existência. Podemos dizer que a escritora cria as características ônticas próprias para a filósofa discutir ontologicamente o conceito.

Seguindo esse raciocínio, é possível construir a idéia de que a novela metafísica se mostra como forma tanto possível quanto necessária de filosofia. Possível porque a metafísica, aqui considerada como a especulação e conseqüente problematização da existência, investiga essa existência enquanto objeto concreto do relato literário. E, sendo este relato o próprio discurso filosófico, é necessário que a filosofia esteja presente, permeando este discurso de forma a orientar e organizar esta discussão. A metafísica não se mostra como

especulação oca, desprendida da existência, e por isso desprovida de sentido para ela, mas sim a atitude que consiste em situar o ser em sua totalidade em confrontação com a totalidade do mundo.

Em função desta característica criacional de seus enredos, pode ser interessante aproximar a figura de Simone à de Platão. Nesse exercício de analogia, podemos toma-la como uma espécie de Demiurgo da existência, pois assim como Platão criou um deus para animar seu *Mundo das Idéias*, Simone de Beauvoir cria uma existência cujos personagens experimentam os problemas existenciais que envolvem os conceitos filosóficos tratados. Porém, não podemos deixar de lembrar que Platão trabalhava com alegorias míticas, à diferença de Beauvoir que não cria nenhuma idealidade a ser reproduzida. Sua narrativa parte de uma possibilidade existencial que ela proporciona sem fugir à existência mesma.

Colocando a existência humana como pano de fundo de suas especulações filosóficas, Simone de Beauvoir cria o enredo de suas investigações. Cumpre observar que o termo criar aqui não tem o sentido de imaginar algo ficcional, que comumente não esteja presente no mundo humano. Criar aqui significa constituir uma situação não real, mas totalmente possível de realização, pois totalmente enquadrada nos parâmetros existenciais do mundo da vida. Segundo o dicionário *Aurélio*, um dos sinônimos para o verbete *criar* é *dar existência, tirar do nada*. Desta forma, não é difícil entender a motivação da filósofa em montar, através dos romances, as situações vividas pelo ser humano. No entanto, não acontece em Beauvoir o mesmo que em Platão, cujo conceito é elaborado no Mundo das Idéias e depois “procurado”, por assim dizer, no mundo da vida. Os conceitos que insuflam as páginas das novelas metafísicas de Simone de Beauvoir não são formulados no mundo das Idéias mas forjados no mundo da vida, são reflexos do mundo da vida.

Por este motivo, ocorre um dilatamento da margem da existência, ampliando a situação existencial, já que somada à existência do escritor estão as existências de suas personagens.

Escrever possibilita criar uma realidade, ou ainda, realizar uma criação, sem abandonar a condição de estar imerso neste mundo mesmo.

Nos romances de Simone de Beauvoir, os conceitos em foco *representam* a realidade e se erigem com existência própria exatamente porque surgiram da existência comum a todos os seres, incluindo suas personagens, uma vez que, como já dito antes, suas estórias são o reflexo da vida, cujo sentido é dado pelo ser.

Um dos preceitos da filosofia existencialista é que a existência é humana, portanto seu sentido é constituído pelo ser humano. A existência é a situação singular de exercer sua condição de sujeito livre. Em *A Convidada*, por exemplo, Simone aproxima o fato de poder se expressar ao fato de existir, quando escreve que “...se não pudesse dizer absolutamente nada. É como se eu não existisse”.

Considerando o fato de que a preocupação principal da filosofia existencial é refletir sobre a experiência vivida, o fato contingente, a facticidade comum a todo existente, a novela metafísica surge como um revelador da subjetividade humana.

É possível inferir que, para um existencialista, o romance metafísico seja visto como a mais alta forma de filosofia porque é a filosofia fundada na e pela experiência vivida do sujeito concreto. Nessa perspectiva, um conjunto de idéias muito bem acomodado em um romance metafísico é uma forma de discurso filosófico.

Na maior parte dos romances de Simone de Beauvoir existe a figura de um crítico que desempenha a função de analisar a própria vida e a dos outros, a figura de um pensador que mantém em suspensão os diversos valores que sacodem aquelas existências em foco. Tal fato acontece na figura de uma jornalista em *O Sangue dos Outros*, na figura de autor de teatro em *A Convidada*. Em *Os Mandarins* encontramos até o requinte de termos uma psicanalista exercendo esta função.

Simone de Beauvoir é uma autora que trabalha sobre a tênue linha que demarca os terrenos da filosofia e da literatura, e por causa disso alguns estudiosos questionam o fato de ela não ter se decidido por uma das duas áreas com exclusividade. Vários são os motivos que nos convencem de que o filósofo da existência opta por discursar através de romances. Pode ser que se sinta mais seguro numa prévia relação de complementação que possa existir entre a filosofia e a literatura. Afinal, é um terreno privilegiado para expor de forma concreta a existência. É através do instrumental da linguagem literária que se torna possível objetivar conceitos filosóficos. Através da criação representativa da realidade, é possível objetivar conceitos filosóficos. Através da criação representativa da realidade é possível ao filósofo transpor a realidade para as palavras, uma vez que, por melhor que seja a exposição teórica de um tema filosófico, não existe nada mais elucidativo do que a representação ficcional desse tema em forma de romance, incluindo todas as condições possíveis da situação real.

Referências bibliográficas:

BEAUVOIR, Simone. **Existencialismo y La sabiduria de los pueblos**. Barcelona: EDHASA, 2009

BEAUVOIR, Simone. **La cerimonia Del adios**. Barcelona: EDHASA, 2008

BEAUVOIR, Simone. **Memorias de una joven formal y una muerte mui Dulce**. Barcelona: EDHASA, 2008

BEAUVOIR, Simone. **La mujer rota (diamante 28)**. Barcelona: EDHASA, 2007